

A vida e o espaço autobiográfico

Sávio Damato Mendes⁶

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

André Monteiro Guimarães Dias Pires⁷

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Página | 35

Resumo

O estudo aqui proposto desenvolve-se a partir da análise do livro *O Convidado Surpresa* (2009), de Grégoire Bouillier. São observados, além de trechos da narrativa, fragmentos de entrevistas oferecidos pelo autor e por sua amante, Sophie Calle, à mídia; elementos biográficos e outros dados pertinentes à construção extratextual de sua narrativa, como as polêmicas levantadas por uma carta escrita, na vida real, pelo autor/personagem à sua amante e posteriormente transformada por ela em uma controversa exposição artística que percorreu alguns países. Pretende-se discutir, a partir desses dados, os limites e as intersecções entre a realidade, a ficção e a composição do espaço chamado *autobiográfico*. Estaria esse espaço limitado ao livro? Se não, como sua ampliação afetaria a construção do enredo de uma narrativa? Haveria barreiras à expansão e ao diálogo dos espaços reais e ficcionais? São algumas das questões que buscaremos responder no desenrolar das reflexões que seguem. Como corpo teórico, com o qual serão embasadas nossas reflexões, utilizaremos autores como Philippe Lejeune, em seu livro *O Pacto Autobiográfico* (2008); Leiris, em seu artigo “Da literatura como tauromaquia”, contido no livro *A idade viril* (2003) e Wander Melo Miranda, citado por Daiana Irene Klinger em *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica* (2007).

Palavras-chave

Escrita de si. Autobiografia. Autor. Espaço autobiográfico.

⁶ Graduado em Letras pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Especialista, Mestre e Doutorando em Crítica e Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista pela agência de fomento FAPEMIG.

⁷ Graduado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF); Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Estudos da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) desde 2010.

O presente estudo observará a obra *O convidado surpresa*, Gregoire Bouillier. O principal objetivo é refletir, a partir dela, sobre as nuances que, em uma obra literária, nos permitem vislumbrar as fronteiras movediças que separam, ou unem, realidade e ficção. Dessa forma, embora em alguns momentos sejam trazidas características que nos permitiriam ler tal obra sob a ótica de uma autobiografia, trazemos também a possibilidade de o leitor escolher lê-la como um romance ficcional. Não pretendemos delimitar o gênero textual, tornando uma ou outra leitura como preferencial. Essa dupla possibilidade de escolha entre duas diferentes chaves de leitura são partes estruturais da narrativa em questão. Não nos propomos, portanto, enquadrar a obra sob um rótulo, seja autobiográfico, romance, ou qualquer outro. Pretendemos, antes, explorar as possibilidades que se abrem ao leitor a partir da leitura de *O convidado surpresa*.

“Foi no dia da morte de Michel Leiris. Devia ser fim de setembro de 1990, ou início de outubro, não lembro a data exata” (BOUILLIER, 2009, p.01). É assim que Gregoire Bouillier inicia o livro *O convidado surpresa* (2009). A referência temporal imprecisa, embora passível de ser verificada em uma pesquisa extratextual, somada à afirmação de uma lembrança não exata indicam o tom de incerteza adotado na narração. O livro, narrado em primeira pessoa⁸, contém narrador, indicado posteriormente pelo autor em entrevistas como sendo ele próprio. Há indicação, pelo narrador/autor, da intenção em efetuar uma narrativa verídica de um momento de sua vida. Essas características nos permitiriam aproximar tal narrativa do gênero textual chamado por Philippe Lejeune de autobiografia, em seu livro *O Pacto Autobiográfico*, ou seja, em síntese, na definição de Lejeune, uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p.14).

A relação com a definição de Lejeune se evidencia ainda mais quando o autor/narrador menciona Michel Leiris, como vimos. A menção não é gratuita; pelo contrário, busca também evidenciar a intenção autobiográfica da obra, uma vez que Leiris foi um pensador francês que se ocupou de desenvolver uma técnica autobiográfica em um de seus principais trabalhos: *A Idade Viril* (2003). Para Leiris, o ato da escrita assemelha-se ao ato de tourear, pensamento que desenvolve mais detalhadamente no texto “Da literatura como tauromaquia”, transformado em introdução de seu livro supracitado:

⁸ “A identidade *narrador-personagem principal*, suposta pela autobiografia, é na maior parte das vezes marcada pelo emprego da primeira pessoa. É o que Gérard Genette denomina narração ‘autodiegética’, em sua classificação das ‘vozes’ da narrativa, classificação que ele estabelece a partir de obras de ficção. Entretanto, o autor deixa claro que pode haver narrativa ‘em primeira pessoa’ sem que o narrador seja a mesma pessoa que o personagem principal” (LEJEUNE, 2008, p.16).

Eu pensava, portanto, em chifre de touro. Resignava-me com dificuldade em ser apenas um literato. O matador que corre perigo em nome da oportunidade de ser mais brilhante que nunca, e mostra toda a qualidade de seu estilo no instante em que é mais ameaçado: eis o que me maravilhava, eis o que eu queria ser. Por meio de uma autobiografia relacionada a um domínio no qual, geralmente, a reserva é indispensável – confissão cuja publicação me seria perigosa na medida em que seria comprometedor e suscetível de tornar mais difícil, ao torná-la mais clara, minha vida privada – (LEIRIS, 2003, p. 17).

Distingo, em literatura, uma espécie de gênero para mim maior (que compreenderia as obras em que o chifre está presente, de uma forma ou de outra: risco direto assumido pelo autor seja de uma confissão, seja de um escrito de conteúdo subversivo, modo como a condição humana é olhada de frente ou “agarrada pelos chifres”, concepção da vida que compromete seu defensor diante de outros homens, atitude diante das coisas como o humor ou a loucura, posição assumida de fazer-se o ressoador dos grandes temas do trágico humano) (LEIRIS, 2003, p. 24).

Leiris enfatiza a aproximação da obra de caráter confessional, como a autobiografia, com o tourear, com o risco de ser espetado pelo chifre do touro, ou seja, pela crítica do outro, uma vez que ao escrever sobre si, sobre os fatos de sua vida, o escritor precisa agir como um toureiro. É necessário expor-se ao perigo, mas de forma artística, dançando com o touro, iludindo-o, fazendo-o passar de um lado a outro, para que nesse balé o toureiro seja capaz de mostrar todas suas habilidades, contar sua história sem ser golpeado pelo chifre, no caso da literatura, sem ser golpeado pela crítica. É o que ocorre também em *O Convidado Surpresa*. O autor/narrador precisa contar sua história de modo que a torne agradável ao leitor, protegendo-se dos perigos do chifre da crítica ao fazer os movimentos de sua narrativa. Quando cita Leiris, está textualmente evidenciando o movimento do tourear e também evidenciando a ligação de seu texto e de seu pensamento artístico com as estratégias autobiográficas, uma vez que Leiris é conhecido por desenvolver tais estratégias autobiográficas em seus textos. Bouillier deixa essa relação referencial a Leiris explícita várias vezes ao longo da obra, citando o autor nominalmente em diversos momentos, como nas páginas 5, 6, 7, 24, 33, 68, 95 e 111.

A catarse como justificativa da escrita literária pode ser apontada também como um dos pilares de construção da estratégia argumentativa em *O convidado surpresa*. Percebemos ao longo da narrativa de Bouillier um trabalho de interligação de fios, criando pontos e nós, formando diferentes “planos de realidade”. Há a realidade exterior, que acontece independente do escritor, mas o afeta diretamente. Há a realidade interior, vivida por ele e trazida em descrições para o contexto textual com seus sentimentos e pensamentos. E, por fim, há a realidade compartilhada com os outros personagens, aquela que todos percebem coletivamente e compartilham, embora cada um a perceba e a interprete segundo sua

perspectiva particular. Exemplos desse compartilhamento são as falas reproduzidas ou citações a eventos como o lançamento do filme *Duro de matar 2*, como o lançamento da sonda *Ulisses* a caminho do Sol. Esses três aspectos, ou planos do real, podem ser percebidos isoladamente, mas só passam a fazer sentido no contexto da narrativa ao serem conectados.

Narrando como em um fluxo de consciência, representado pela ausência de pontuação em longos trechos narrativos, Bouillier busca nos fatos jornalísticos, nas notícias, algo que justifique o comportamento dos outros e o seu próprio, como se o universo dialogasse consigo por meio de eventos aparentemente aleatórios. O narrador busca na morte de Leiris a causa primeira que impulsionou sua ex-mulher, a qual o abandonara anos antes sem dizer palavra, a ligar naquela tarde convidando-o para ser o “convidado surpresa” em uma festa de e para Sophie Calle: “Mas talvez não fosse coincidência e atravessou-me a ideia de que ela talvez nunca me telefonasse se Michel Leiris não tivesse morrido” (BOUILLIER, 2009, p.06). Entretanto, mais tarde, a personagem desmentiria sua tese:

(...) assim como quem não quer nada, como se diz, perguntei se ela sabia da morte de Michel Leiris; ela respondeu que tinha escutado a notícia mas que nunca tinha lido nada dele, era um bom escritor? Dei de ombros. Não era o momento de falar de literatura. Com certeza não. Mas não havia dúvida: a morte de Michel Leiris não teve nenhum efeito sobre ela, o anúncio do desaparecimento de Michel não repercutira nem um pouco no desaparecimento dela nem a incitara a me telefonar como supus e no fim essa metáfora tinha sido apenas uma invenção minha para dar relevo e sentido ao seu telefonema e para que ele encontrasse no universo a repercussão que provocara em mim (...) (BOUILLIER, 2009, p.68-69).

O curioso é notar o tecido textual construído por Bouillier, entrelaçado de fatos cotidianos, feito ao redor de pistas a indicarem o caminho, como se a vida estivesse a contar uma história. A vida tratava de tecer cuidadosamente os fios dos acontecimentos, e ele, personagem da vida, tentasse ter o vislumbre da voz de algum tipo de narrador onisciente, de certa forma transcendental, a orquestrar tudo.

O convidado surpresa é conflituosa por si só e traz um enigma a ser desvendado pelo protagonista, uma vez que, segundo ele, “através do caos dos meus sentimentos e sensações eu buscava resolver o enigma que era para mim o telefonema dela, sim, tratava-se de um enigma e mesmo de um desafio ao entendimento” (BOUILLIER, 2009, p. 21). Como afirma Wander Melo Miranda, “parece não haver motivo suficiente para uma autobiografia se não houver uma intervenção, na existência anterior do indivíduo, de uma mudança ou transformação que a impulsione ou justifique” (MIRANDA, 1992, p.32 *apud* KLINGER, 2007, p.19). No caso do livro em foco, esse enigma tem seu pavio reaceso, uma vez que a chama inicial havia se iniciado com o rompimento inexplicado do relacionamento anos antes,

com o telefonema recebido e desencadeará uma série de transformações na vida do narrador/personagem.

A solução de tal enigma só será encontrada ao final da festa⁹. O personagem, ao pegar seu casaco para partir, é interrompido por sua ex- quando se aproxima e diz: “as rosas eram as únicas flores que suportava ver cortadas” (BOUILLIER, 2009, p.72). O narrador/personagem/autor pressente algo de conhecido em tal frase, isto é, a chave para seu enigma: “Eu não sabia mais o que pensar a não ser que tinha a intuição e mesmo a certeza de que ela não havia dito uma incongruência, de jeito nenhum, pelo contrário, sua pequena frase tinha um sentido” (BOUILLIER, 2009, p.73). Havia encontrado a chave, mas ainda faltava a fechadura certa: “Eu não tinha a menor ideia do que isso significava, mas tudo em mim dizia que se tratava de um segredo que ela queria me revelar, e não tinha eu vindo a essa festa com a esperança de que algo assim acontecesse?” (BOUILLIER, 2009, p.74). E continua: “Eu tinha a absoluta certeza naquele instante de que ela me entregara a chave do seu silêncio de muitos anos e esta só podia funcionar e girar na fechadura da nossa história” (BOUILLIER, 2009, p.76).

A descoberta, entretanto, só ocorre durante a caminhada de volta para casa, quando lhe vem à mente o livro *Mrs. Dalloway*:

Lembrei que nesse livro se falava de rosas brancas e vermelhas e de um buquê que desempenhava não sei mais que papel e era uma história de reencontros por ocasião de uma festa elegante, sim, uma mulher reencontrava o homem que amara na juventude no momento de uma grande festa e eu não lembrava mais como ele se chamava mas tinha sido convidado por ela e parecia claramente que fora ela e eles se reencontravam depois de anos de separação e eu não sabia mais como terminava o livro e não era só isso, havia outra coisa, lembrei então que ela adorava Virginia Woolf e *Mrs. Dalloway* era um dos seus livros preferidos e talvez até o seu favorito na época (...). (BOUILLIER, 2009, p.79-80)

Mergulhei então na história de Clarissa Dalloway e Peter Walsh e não me enganei: página 140: “Mas ela amava as suas rosas [...] a única flor que suportava ver cortada”. (BOUILLIER, 2009, p.81)

Tinha entre as mãos inúmeras frases que resolviam de uma só vez as perguntas que para mim ficaram sem resposta (...). (BOUILLIER, 2009, p.82)

Eu descobria ao longo das páginas sua transposição para a realidade e de que maneira, com os meios disponíveis e as circunstâncias ao seu alcance, ela adaptara o romance de Virginia Woolf a sua própria vida e, à revelia de todos e certamente dela mesma, seguira em linhas gerais para não dizer literalmente a espécie de programa que entreviu e todas as sensações e emoções que o acompanhavam e que ela havia adorado sentir. (BOUILLIER, 2009, p.83)

⁹ Sobre a festa em questão, vale, para compreendermos o conjunto contextual, o enriquecimento de uma citação explicativa na voz da anfitriã, Sophie Calle: “Eu tinha medo de ser esquecida no dia do meu aniversário. Em 1980, para me ver livre dessa inquietação, tomei a decisão de convidar a cada ano, se possível em 9 de outubro, um número de convidados equivalente a minha idade. Entre eles, um desconhecido que um dos convivas seria encarregado de trazer. Não utilizei os presentes que ganhei nessas ocasiões. Conservei-os para ter à mão as provas de afeto que eles constituíam. Em 1993, aos quarenta anos, pus fim a esse ritual. – Extraído de Sophie Calle, *Rituel D’Anniversaire*. Paris: actes sud, 1998” (BOUILLIER, 2009, p.16).

A descoberta do que havia acontecido, ou seja, da tentativa de sua ex-mulher em transpor para a vida o que havia vivido em livro, transforma o narrador em uma espécie de personagem de outra história, aquela criada pela mulher que o abandonara. Como em um sonho dentro de um sonho, neste ponto, os fios da realidade e da ficção parecem se confundir. Há uma sobreposição de histórias. Afinal, não podemos contar nossa própria história sem contar a história de outros, dos que nos cercam, como afirma Klinger, “é verdade que toda contemplação da própria vida está inserida numa trama de relações, e, portanto, todo relato autobiográfico remete a um ‘para além de si’” (KLINGER, 2007, p.25). Cada pessoa com que convivemos vive sua própria história, eivada de ficções e pactos com a realidade. No caso em análise, percebemos que o narrador, antes mesmo de escrever sua narrativa, já era personagem, literalmente, de uma narrativa em processo de inscrição, a da ex-mulher. A criadora transpunha para a vida o que estava escrito em livro enquanto que no caso de Bouillier dá-se o inverso; transpõe-se a vida para o texto.

Toda a trama segue então a relatar os sentimentos e pensamentos vividos pelo narrador durante esse momento de busca do entendimento sobre um momento considerado doloroso em sua vida, culminando na catarse adquirida pelo entendimento do motivo que levava sua ex- a abandoná-lo anos antes:

Pouco importava agora que ela tivesse me abandonado sem uma palavra nem explicação. Isso não contava mais. Estava esquecido. Finalmente esquecido. Então era possível? Eu custava a crer e no entanto não sentia mais amargura, de uma só tacada rancor e desespero haviam desaparecido como por encanto (...). (BOUILLIER, 2009, p.87)

E foi afinal a mim que ela revelou o seu segredo e decerto o fez no último momento porque o romance termina justo no final da festa e precisamente no instante em que Peter Walsh se dispõe a partir e eu não pedia mais nada, tinha a explicação que buscava e ela estava à altura da nossa história. (BOUILLIER, 2009, p.88)

Enfim eu podia respirar. (BOUILLIER, 2009, p.93).

Esse poderia ser o final do livro, pois a transformação fora concluída: “*Ulisses* atingiu afinal o Sol após ter percorrido centenas de milhões de quilômetros desde a Terra e naquele dia de outubro de 1990 tudo havia recomeçado para mim” (BOUILLIER, 2009, p.93). Contudo, após a catarse, onze anos mais tarde, quando tudo parecia terminado, acontece um acaso: um encontro com Sophie Calle detona um novo e inesperado capítulo: “ela não tirava os olhos de mim e o seu olhar mergulhava no meu” (BOUILLIER, 2009, p.101). O narrador/personagem relata para ela sua experiência como “Convidado Surpresa” e fala do

vinho com o qual a presenteara. É quando Sophie se dá conta de que não encontrou o vinho. Ela vai para casa e o encontra. Bebem juntos. O livro é encerrado com as correções incorporadas por Sophie no exemplar do *Rituel d'anniversaire*¹⁰, trecho reproduzido por Boullier em seu livro: “O desconhecido trouxe uma garrafa de um ótimo vinho” (BOULLIER, 2009, p.113).

O convidado surpresa, evidentemente, tem clara intenção memorialística, uma vez que o narrador rememora fatos de sua vida. Adicionalmente, vemos que o autor assumiu a identidade de narrador-personagem ao afirmar tal identidade em entrevistas posteriores. A afirmação “tudo é verdade¹¹” é um exemplo. Essas informações poderiam nos apontar a direção de um pacto autobiográfico explícito, visto que há elementos classicamente preconizados por Lejeune como presentes em textos desse gênero, como já observamos (narrador em primeira pessoa se propõe a contar sua história de vida e o pacto de leitura proposto pelo autor), embora o próprio Boullier prefira classificar sua escrita apenas como “relatos de si”. Certa é a existência de um reconhecido laço com as vivências do autor. A morte de Leiris; a referência ao autor (p.5, 6, 7, 24, 33, 68, 95, 111) e a outros elementos – como notícia no jornal sobre o lançamento de *Duro de matar 2* (p.21; p.110); a sonda *Ulisses* (p. 29, 37, 41, 43, 45, 49, 56, 80, 82, 93, 111) –, pontuam todo o texto traçando um pacto com a realidade, conectando a experiência pessoal que Boullier se propõe a relatar com todo o contexto circundante.

A Questão da marca autoral, o esforço do autor em traduzir para a escrita uma experiência vivida com um trato e refino literário, as entrevistas que concede após a publicação do livro enfatizando a relação da obra com a realidade, seu relacionamento com Sophie, surgem como gancho para pensarmos a questão mais ampla da relação que o autor estabelece com sua obra. Quais os limites da obra? Um texto sempre inicia e termina no livro?

Se, por um lado, é cabível pensarmos em uma obra que possa ser lida independentemente, livre de seu autor, como reflete Roland Barthes, é também inevitável

¹⁰ Neste livro Sophie propõe-se a contar suas experiências com um ritual que Sophie Calle criara para seu aniversário, um relato, portanto, ilustrado em seu livro por imagens, de experiências reais. O seguinte trecho, retirado do livro *Rituel D'Anniversaire* e reproduzido em *O Convidado Surpresa*, explica essa proposta: “Eu tinha medo de ser esquecida no dia do meu aniversário. Em 1980, para me ver livre dessa inquietação, tomei a decisão de convidar a cada ano, se possível em 9 de outubro, um número de convidados equivalente à minha idade. Entre eles, um desconhecido que um dos convivas seria encarregado de trazer. Não utilizei os presentes que ganhei nessas ocasiões. Conservei-os para ter à mão as provas de afeto que eles constituíam. Em 1993, aos quarenta anos, pus fim a esse ritual” (BOULLIER, 2009, p.16).

¹¹ VELASCO, Suzana. “Tudo é verdade em meus livros”, diz Grégoire Bouillier”. O Globo, 28/06/2009. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/tudo-verdade-em-meus-livros-diz-gregoire-bouillier-199523.html>>. Acesso em: 25/03/2017.

considerarmos o fato do autor em análise ser contemporâneo à sua obra. É por isso que o autor tem a possibilidade de inscrevê-la de tal forma no contexto circundante midiático que ela continua viva, dialogando com o leitor e consigo mesma, criando para além da narrativa, para além do ponto final, como a dizer que a verdadeira história não termina no livro, mas o atravessa invadindo as páginas da vida.

Faz-se relevante pensar na sequência de fatos sobre o autor que se seguiram e se tornaram de conhecimento público após o lançamento da obra – como o romance entre Bouillier e Sophie Calle, o fim desse relacionamento por e-mail e a famosa exposição preparada pela artista com esse e-mail, utilizado para dar fim ao relacionamento:

Maria de Medeiros lê calmamente uma carta de rompimento. O vídeo, que reproduz a cena, permite à atriz portuguesa recepcionar o público brasileiro logo na entrada da exposição "Cuide de Você", da artista plástica francesa Sophie Calle, realizada na sexta-feira (10), no Sesc Pompéia, zona oeste de São Paulo. A mostra estará aberta até 7 de setembro de 2009.

A exposição faz parte das comemorações do Ano da França no Brasil, tendo sido exibida pela primeira vez na Bienal de Veneza, em 2007, seguindo depois para França, Canadá e Estados Unidos. O mote que conduz a mostra é o rompimento entre Grégoire Bouillier e Calle. O escritor francês terminou o relacionamento por e-mail, finalizando o texto com a frase "Cuide de Você". A artista pediu então a 107 mulheres que interpretassem sua reação diante da despedida. O conjunto de expressões femininas foi filmado por Calle e tornou-se uma obra renomada ("Prenez Soins de Vous", a frase, em francês).¹²

Os fios da realidade e da ficção continuam a se entrelaçar em uma espécie de pós-livro, no qual o autor, marcado pelo signo do reconhecimento público, torna-se personagem. Bouillier amplia seu espaço autobiográfico não só por meio de entrevistas que concede, mas também indiretamente pela exposição inesperada de seu e-mail. É inegável a influência midiática nesse processo de transbordamento do texto para o espaço extratextual, chamado por Lejeune de *espaço autobiográfico*. O autor contemporâneo, especificamente no caso de Bouillier, lança mão dos recursos midiáticos de maneira que sua exposição e seus posicionamentos acabam por incorporar-se à obra, criando um direcionamento de leitura. O caso de Bouillier e Sophie parece ser emblemático como representação das formas que se podem dar à construção do espaço autobiográfico e da forma como isso pode interferir na escolha, por parte do leitor, de uma chave de leitura preferencial para a travessia da obra. Torna-se ainda mais complexo por possibilitar, de certa forma, uma interpenetração entre vida e arte, ressaltada ainda mais pela temática central que permeia o livro *O convidado surpresa* e

¹² DUME, Paula. "Na exposição "Cuide de Você", Sophie Calle mescla imagem, literatura, vídeo e som". In: *Jornal Folha de S. Paulo*. 11/07/2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u593760.shtml>>. Acesso em: 25 mar.2017.

pelos desdobramentos da história, tornados públicos, formando uma espécie de continuação em tempo real, sempre passível de um novo capítulo ao sabor do acaso. Um exemplo disso é o esperado encontro entre Sophie e Bouillier, após a exposição das cartas, ocorrido pela primeira vez na *Flip* de 2009, em Paraty.

Uma mistura de vida e obra que torna o livro, a exposição ou o e-mail como simples fragmentos de um projeto maior, um projeto de vida como obra de arte. Onde começa a vida e termina a arte? Existiriam fronteiras entre as escritas de si e a vida? Vale lembrar, como afirma Klinger, que a questão da definição do gênero autobiográfico está rodeada de polêmica, apontando para dois extremos: “da constatação de que – até certo ponto – toda obra literária é autobiográfica até o fato de que a autobiografia ‘pura’ não existe” (KLINGER, 2007, p.39). A esse respeito, questionado em entrevista, Bouillier se posiciona:

Sua vida privada está muito presente nos livros “O convidado surpresa” e “Rapport sur moi”. Ela é sempre um ponto de partida para escrever um livro?

GRÉGOIRE BOUILLIER: Meu primeiro livro se chama “Rapport sur moi” (“Relatório sobre mim”) porque “relatório” significa “dizer o que vimos”. É como se fosse um gênero literário que eu inventei para mim, do mesmo modo que o romance, o ensaio. Nesse sentido, todos os meus livros são “relatórios”, pois o que me interessa é a realidade que vivemos, esse modo que a realidade tem de ultrapassar a ficção, como podemos constatar a cada instante. E meu trabalho é tentar encontrar palavras que correspondam a esse excesso. Não me interessa especialmente pela vida privada, mas pela vida como um todo. Para capturar algo válido da vida, parece-me que o escritor tem que pôr fim à distinção entre vida pública e privada.¹³

O Convidado Surpresa traz-nos a oportunidade de refletir sobre as nuances que envolvem não apenas a delimitação de gêneros, mas, principalmente, o constante desafio de transbordar as fronteiras do texto integrando-o com a vida cotidiana. Para além de uma catarse, a obra se abre para uma leitura mais ampla, seguindo os passos do autor. O leitor também tem a opção de poder ler a obra sem se atentar para o espaço autobiográfico, que o autor continua a criar ou expandir o universo de leitura buscando informações no além texto. Observar a opção pelo pacto de leitura que o leitor decidirá estabelecer, o tipo de leitura a que se propõe, seja lendo o texto como uma autobiografia ou como um romance ficcional, parece ser o melhor caminho se desejarmos categorizar a obra como pertencente a um ou outro gênero textual. Há chaves de leituras que possibilitam ao leitor percebê-la como autobiográfica ou como um “relato de si” como prefere o autor; como um romance ou, ainda,

¹³ VELASCO, Suzana. “‘Tudo é verdade em meus livros’, diz Grégoire Bouillier”. In: *O Globo*. 28 jun.2009. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/tudo-verdade-em-meus-livros-diz-gregoire-bouillier-199523.html>>. Acesso em: 25 mar.2017.

como uma *autoficção*. O olhar do leitor é o que definirá em grande parte o gênero. A esse respeito, Lejeune já nos alertava ao final de seu *Pacto autobiográfico*:

A história da autobiografia seria então, antes de tudo, a história de seu modo de leitura: história comparativa na qual poderíamos fazer dialogar os contratos de leitura propostos pelos diferentes tipos de textos (pois nada adiantaria estudar a autobiografia isoladamente, já que, assim como os signos, os contratos só têm sentido por seus jogos de oposição), e os diferentes tipos de leitura a que esses textos são realmente submetidos. Se podemos dizer que a autobiografia se define por algo que é exterior ao texto, não se trata de buscar, aquém, uma inverificável semelhança com uma pessoa real, mas sim de ir além, pra verificar, no texto crítico, o tipo de leitura que ela engendra, a crença que produz. (LEJEUNE, 2008, p.47)

Referências:

BOULLIER, Grégoire. **O Convidado Surpresa**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2009.

DUME, Paula. Na exposição "Cuide de Você", Sophie Calle mescla imagem, literatura, vídeo e som. In: **Folha de S. Paulo**. 11/07/2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/livrariadafolha/ult10082u593760.shtml>>. Acesso em: 25 mar.2017.

KLINGER, Daiana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

LEIRIS, Michel. Da literatura como tauromaquia. In: _____. **A idade viril**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

VELASCO, Suzana. 'Tudo é verdade em meus livros', diz Grégoire Bouillier. In: **O Globo**. 28 jun 2009. Disponível em: <<http://blogs.oglobo.globo.com/prosa/post/tudo-verdade-em-meus-livros-diz-regoires-bouillier-199523.html>> . Acesso em: 25 mar.2017.

LIFE AND AUTOBIOGRAPHICAL SPACE

Abstract

The study proposed here is developed from the analysis of Gregoire Bouillier's book *O Surprise Guest*. In addition to excerpts from the narrative, fragments of interviews offered by the author and his lover, Sophie Calle, to the media are observed; Biographical elements and other data pertinent to the extratextual construction of her narrative, as the polemics raised by a letter written in real life by the author / character to her lover and later transformed by her into a controversial artistic exhibition that toured some countries. It is intended to discuss, from these data, the limits, or not limits, that make up the boundaries and infiltrations between reality, fiction and the composition of the space called autobiographical. Was this space limited to the book? If not, how would its magnification affect the construction of the plot of a narrative? Are there barriers to the expansion and dialogue of real and fictional spaces? These are some of the questions that we will try to answer in the course of the reflections that follow. As a theoretical body, with which our reflections will be based, we will use authors such as Philippe Lejeune, Leiris and Wander Melo Miranda.

Keywords

Writing of self. Autobiography. Author. Autobiographical space.

Recebido em: 25/05/2017

Aprovado em: 05/09/2017